

VIDA EUCARÍSTICA

JOSÉ MANUEL IGLESIAS

VIDA EUCARÍSTICA



QUADRANTE

Título original
Vida eucarística

Copyright © 2005 Ediciones Rialp, SA, Madrid

Projeto gráfico de capa e miolo
Karine Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Iglesias, José Manuel

Vida eucarística / José Manuel Iglesias — 4ª ed. — São Paulo: Quadrante, 2026.

ISBN: 978-85-7465-093-7

1. Comunhão (Eucaristia) 2. Eucaristia – Adoração 3. Exercícios de devoção 4. Vida cristã I. Título

CDD-234.163

Índice para catálogo sistemático:

1. Eucaristia : Sacramento : Culto e adoração :
Cristianismo 234.163
2. Eucaristia : Sacramento : Práticas de devoção privada:
Cristianismo 234.163

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

SUMÁRIO

7	INTRODUÇÃO
13	CRISTO VIVE
25	A SANTA MISSA: CENTRO E RAIZ
39	A VISITA AO SANTÍSSIMO
71	AS COMUNHÕES ESPIRITUAIS
97	A AÇÃO DE GRAÇAS
133	A SENHORA DO SACRÁRIO

INTRODUÇÃO

“Cristo permanece vivo e verdadeiro no meio de nós para alimentar com o seu Corpo e o seu Sangue aqueles que creem”¹.

O mistério eucarístico é o maior e o mais excelso mistério que a Igreja possui. Interessa-me fazer constar essa realidade desde o princípio, porque talvez pudesse parecer que estas páginas têm por objeto devoções pequenas e pouco importantes. Ora, nada do que se relaciona com os Sacramentos é pequeno e pouco importante. Que pequenez a matéria que lhes serve de veículo: um pouco de água, azeite, pão, vinho...! E, no entanto, que grandeza inefável de vida divina comunicam!

1 João Paulo II, Bula *Incarnationis Mysterium*, 1998, n. 11.

Jesus Cristo instituiu os Sacramentos para nos dar vida: é por eles que a sua vida — a graça divina — vem aos homens. Cada sacramento é canal de graça. Mas é precisamente por esse canal que podemos subir até Deus. Costumo exemplificar esta realidade servindo-me da imagem de um rio que seja penetrado pela água das marés ao longo de muitos quilômetros. Pelo seu leito, no fluxo, a água sobe; no refluxo, a água desce. Essa dupla corrente, de Deus para os homens e dos homens para Deus, existe nos sete sacramentos: por eles, Deus vem; por eles, vamos para Deus; mas “é [...] sobretudo no sacramento da Eucaristia que Cristo atua em plenitude para transformar os homens”².

A Eucaristia não é somente o centro de todos os outros sacramentos, mas aquele em que Deus “mais” e “melhor” se encontra conosco, e em que mais e melhor podemos encontrar a Deus. A doutrina cristã explica assim esta dignidade: na Eucaristia, não somente se recebe a graça, mas também o próprio Autor da graça. É nela que se cumprem à letra as últimas palavras de Jesus: *Eu estarei convosco todos os dias até o fim do mundo* (Mt 28, 20).

Foi instituída para perpetuar e tornar presente a realidade da Encarnação e da Redenção: é *Sacrifício*, do qual somos convidados a participar; é *Presença* viva e real, que

2 *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1074. Daqui em diante, esta obra será citada apenas como *Catecismo*.

sempre podemos contemplar; é *comunhão e alimento*, que nos sustenta e nos assimila a Cristo, até que se verifique o que dizia São Paulo: *Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim* (Gl 2, 20).

Vou tratar preferentemente de algumas práticas que se relacionam com este admirável sacramento: as *visitas ao Santíssimo*, as *comunhões espirituais* e as *ações de graças*. Em comparação com o “poço sem fundo” que é a Eucaristia, são três aspectos parciais, situados nos “arredores” da Eucaristia, se se pode falar assim. Mas, tratando-se de um sacramento tão grande, haverá alguma coisa relacionada com ele e que possa ser considerada de pouca importância, um apêndice? Aliás, já há muitos bons livros que tratam da doutrina eucarística.

O que desejo fazer ver a propósito desses três costumes da piedade cristã é que não são somente para pessoas “devotas” — ou, como dizem na minha terra, “*bueniñas*”, boazinhas —, mas para homens e mulheres muito normais, para gente da rua, pessoas comuns, fortes e maduras, que, por pouca fé que tenham, compreenderão o que é — em si e para nós — o Sacrário e, sem se sentirem estranhas nem deslocadas do mundo, antes pelo contrário, experimentarão no seu perambular diário a necessidade de procurar Jesus Cristo presente entre os homens.

O que pretendo é, pois, que nos entusiasmemos com Jesus sacramentado.

Perguntemo-nos: — Quantos Sacrários conheço? Quantos há no meu percurso habitual, nas igrejas e capelas da minha cidade? Como passo diante delas? Sei que o que há de mais importante numa igreja é o seu Sacrário? E sei por quê?

Jesus está aí. E esperando por mim. Espera-me: oferecido por mim e por todos em cada Missa. Espera-me: escondido, para que o procure. Está aí: acessível, porque quer manter um trato íntimo comigo. Está aí: como *Pão vivo*, para se dar a mim em alimento. Não é verdade que não me quero sentir “inapetente”?

As reflexões que faço aqui são, na sua maior parte, ensinamentos de um santo de hoje: São Josemaria Escrivá, que viveu com fé gigante a realidade íntima da Santa Missa, sempre centro e raiz da vida interior, que se prolonga, se prepara e se agradece com a prática habitual do que o Fundador do Opus Dei chamou *costumes eucarísticos*. Remeto o leitor para as suas conhecidas publicações: *Caminho, Sulco, Forja, É Cristo que passa, Amigos de Deus*, livros que citarei com frequência.

Se estas páginas servirem, não só para conhecer um pouco melhor a teologia profunda que se esconde em atos tão simples como pôr-se de joelhos e rezar diante de qualquer Sacrário da terra, mas também para inculcar a prática diária da *visita ao Santíssimo*, para ajudar a fazer muitas *comunhões espirituais* e a experimentar o impulso de *agradecer* o dom eucarístico, considerar-me-ei muito bem pago.

“Sê alma de Eucaristia! — Se o centro dos teus pensamentos e esperanças estiver no Sacrário, filho, que abundantes os frutos de santidade e de apostolado!”³

E se, depois, passarmos este livro a outros que, como nós, queiram “inflamar-se” também no amor de Cristo, notaremos esse *frutos de santidade e de apostolado*⁴.

3 Josemaria Escrivá, *Forja*, 4ª ed., Quadrante, São Paulo, 2016, n. 835.

4 Depois que este livro foi escrito, o Papa João Paulo II lançou dois documentos centrais sobre a Eucaristia: a Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, de 17.04.2003, e a Carta Apostólica *Mane nobiscum Domine*, de 07.10.2004, na qual proclamou *Ano da Eucaristia* os doze meses que vão de outubro de 2004 a outubro de 2005. O Editor optou por inserir em nota algumas passagens especialmente relevantes que dizem respeito ao que se expõe nestas páginas (N. do E.).

CRISTO VIVE

“Os milagres da multiplicação dos pães — quando o Senhor pronunciou a bênção, partiu e distribuiu os pães por meio dos seus discípulos para alimentar a multidão — prefiguram a superabundância deste pão único da sua Eucaristia”¹.

“Tens de conseguir que a tua vida seja essencialmente — totalmente! — eucarística”².

Na sinagoga de Cafarnaum, Jesus conversa com a gente que veio ao seu encontro: *Em verdade, em verdade vos digo: vós me buscais, não porque visteis os milagres, mas porque comestes dos pães e ficastes saciados* (Jo 6, 26).

1 *Catecismo*, n. 1335.

2 Josemaria Escrivá, *Forja*, n. 826.

Se nos sentirmos protagonistas do peregrinar de Jesus pelos arredores do lago de Tiberíades, perceberemos que o milagre com que Ele alimentou mais de cinco mil pessoas com cinco pães de cevada e dois peixes é uma amostra do seu poder e do seu amor: em Jesus palpita o anelo de alimentar, ao longo da história, as multidões de fiéis que o procuram famintas do Pão da vida. O impacto da multiplicação dos pães e dos peixes foi forte. Reza assim ao Senhor o autor de *Forja*: “Senhor, se aqueles homens, por um pedaço de pão — embora o milagre da multiplicação tenha sido muito grande —, se entusiasмам e te aclamam, que não deveremos nós fazer pelos muitos dons que nos concedeste, e especialmente porque te entregas a nós sem reservas na Eucaristia?”³

Essa entrega imensamente amorosa do Senhor exige muita fé e muita graça de Deus: *Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer...* (Jo 6, 44); e aquelas pessoas não entenderam o milagre do Mestre, que as tinha alimentado para que cressem *nAquele que me enviou*.

Mas que milagre fazes tu para que o vejamos e acreditemos em ti? (Jo 6, 29-30). Esqueceram bem depressa o entusiasmo que se apossara delas. Não se abriram com humildade ao Senhor... Fecharam-se nos seus preconceitos.

3 Idem, *Forja*, n. 304.

“Dá-nos sempre desse pão!”

Mas quanto mais nós, os homens, nos encerramos nos nossos preconceitos e no esquecimento das coisas de Deus, mais Jesus nos mostra quem Ele é e o seu desejo de se dar em comida aos homens.

Os discípulos esquecem logo que também na véspera o tinham visto caminhar sobre o mar embravecido... E esquecem que o tinham ouvido gritar: *Sou eu, não temais!* Vence as leis físicas, domina por direito próprio os elementos. Pode andar por todos os mares tempestuosos da terra como “*Aquele que é*” (cf. Ex 3, 13-15), como o dono, o amo, o Senhor. Pode vencer todas as incredulidades humanas. Pode salvar-nos a todos: *SOU EU*, Deus convosco! Por que temer?

Agora, na sinagoga, diz-lhes: *Procurai não o alimento que perece, mas o alimento que permanece até à vida eterna* (Jo 6, 27). E sem o pretenderem, são eles próprios quem provoca que Jesus prometa já abertamente a Eucaristia. Ufanos da sua tradição, introduzem no diálogo o tema do *pão do céu*, o maná — alimento que os seus antepassados recolhiam diariamente no deserto —, símbolo dos bens messiânicos; alusão que Jesus aproveita para apresentar-se como o Pão da vida. O maná era apenas uma figura: *Moisés não vos deu o pão do céu; é meu Pai quem vos dá o verdadeiro pão do céu: porque o pão de Deus é o pão que desce do céu e dá a vida ao mundo* (Jo 6, 32-33).

E também são eles que lhe pedem: *Senhor, dá-nos sempre desse pão* (Jo 6, 34).

Respondeu-lhes Jesus: *Eu sou o pão da vida: aquele que vem a mim não terá fome, e aquele que vem a mim jamais terá sede.* E nessa promessa eucarística surge o imutável *EU SOU* divino: *EU SOU o pão que desci do céu* (Jo 6, 35.41).

E volta a cegueira dos ouvintes: *Murmuravam então dele os judeus, porque dissera: “Eu sou o pão que desci do céu”* (Jo 6, 41). A essa cegueira responde Jesus com palavras reiterativas, terminantes e claras: *Eu sou o pão..., a minha carne é vida do mundo... EU SOU*, uma vez mais afirmado de um modo preciso e inquestionável.

“É a minha carne”

Quantas vezes nos mostram os Evangelhos esse *EU SOU* de Jesus! É desse modo que se designa o Nome de Deus no livro do Êxodo, quando Moisés pergunta ao Senhor como se chama: *Eu sou aquele que é...* Assim responderás aos filhos de Israel: *EU SOU* manda-me a vós (Ex 3, 14). É especialmente significativo que Cristo use essa expressão com tanta frequência: *Eu sou a luz do mundo* (Jo 8, 12). *Se não crerdes que eu sou, morrereis nos vossos pecados* (Jo 8, 24). *Quando levantardes ao alto o Filho do homem, então sabereis que eu sou* (Jo 8, 28). *Antes que Abraão nascesse, eu sou* (Jo 8, 58). *Desde agora vo-lo digo, antes que suceda, para que, quando suceder, creiais que eu sou* (Jo 13, 19). E quando Caifás lhe perguntou: *“És tu o Messias, o Filho de Deus bendito?”*,

Jesus disse: “Eu o sou, e vereis o Filho do homem sentado à direita do poder de Deus, vindo sobre as nuvens do céu” (Mc 14, 62). Então perguntaram todos: “Logo, tu és o Filho de Deus?” Respondeu-lhes: “Sim, eu sou” (Lc 22, 70). Textos que manifestam claramente que Jesus se identifica com Deus.

Aqui, no âmbito da promessa da Eucaristia, Jesus, *EU SOU*, Deus humanado, desvenda os designios do seu amor: quer permanecer entre os homens como alimento e vida das almas, sob a forma de pão: *é a minha carne*. Nessa ocasião, chega a repetir oito vezes a palavra comer, mostrando que se trata de uma realidade. Eis o que diz o teólogo Jean Galot:

“Se Cristo pôde dizer com toda a verdade *Isto é a minha carne*, é porque tinha um poder soberano sobre todas as coisas criadas, um poder capaz de transformar um ser em outro, de substituir uma realidade antiga por outra nova. Não somente era dono da sua existência, mas do próprio ser [...]. Porém, o nome ‘Eu sou’ não exprime apenas a plenitude do ser e a sua continuidade, o poder e a eternidade. Significa também uma *presença* [...]. Presença é mais do que existência [...]. Estar presente é existir para alguém, estar perto dele, diante dele. A presença está impregnada do calor de um amor. Também Yahveh, quando diz a Moisés *Eu sou*, comunica-lhe uma intenção amorosa: *Eu serei, Eu estou contigo*...

“Quando Cristo atribui a si próprio esse nome divino, fá-lo para mostrar a sua identidade de Filho de Deus, para

afirmar a plenitude do ser que possui, a sua onipotência e a sua eternidade. Identifica-se com Deus de tal maneira que se deve crer nEle do mesmo modo que se crê em Deus... Com o Salvador, a eternidade do *Eu sou* entra plenamente na História humana, no tempo humano. Entra como uma presença oferecida aos discípulos, presença que os assiste em todos os momentos e de uma maneira indefectível”⁴.

“Não há nada de mais verdadeiro”

Quando, na véspera da sua morte, Jesus disser diante dos seus: *Isto é o meu corpo... Este é o meu sangue* (cf. Mt 26, 26; Mc 14, 22; Lc 22, 19; 1 Cor 11, 25), usará as palavras no mesmo sentido em que disse: *Quem comer a minha carne e beber o meu sangue permanecerá em mim e eu nele* (Jo 6, 56). Para um semita, a palavra “carne” designa o corpo vivo, quer dizer, a pessoa toda que se torna presente nesse corpo vivo. Quando Jesus diz: *Esta é a minha carne*, indica a presença de todo o seu “Eu”: corpo vivo, alma e divindade. “O que o Verbo assumiu, nunca mais o deixou”: é um princípio teológico que nos diz que a alma e a divindade de Cristo estão indissolivelmente unidos ao seu Corpo.

As palavras reiterativas de Jesus: *comer o meu corpo...*, *beber o meu sangue...* foram entendidas pelos judeus de um modo tão realista que se fez um silêncio terrível

4 Jean Galot, *Eucaristía y vida*, Bilbao, 1967, pp. 42-46.

quando as pronunciou na sinagoga de Cafarnaum: pensaram que se tratava de uma espécie de antropofagia. Desconcertados, cravam o olhar em Jesus e depois dão rédea solta à ironia: *Os judeus começaram a discutir, dizendo: Como pode este homem dar-nos a comer a sua carne?* (Jo 6, 52).

Por fim, estala o tumulto e ouvem-se vozes incrédulas: *Duras são estas palavras! Quem as pode ouvir?* (Jo 6, 60). E acabam por ir-se embora: *Desde então, muitos dos seus discípulos se retiraram e já não andavam com ele* (Jo 6, 66).

A passagem da promessa da Eucaristia finaliza com uma afirmação de Pedro: *Senhor, tu tens palavras de vida eterna!* (Jo 6, 68). Das palavras que se dizem a mandado do Senhor na Consagração: *Isto é o meu corpo...*, *Este é o meu sangue*, dirá São Tomás de Aquino: “*Nihil hoc verbo veritatis verius*” — “nada há de mais verdadeiro que estas palavras de verdade”.

“Este é o *Eu sou* que se nos entrega na Missa. Se pensarmos que Jesus fez a sua afirmação mais solene precisamente na véspera da sua Paixão, compreenderemos melhor que essa afirmação esteja na base do sacrifício eucarístico. Quando a oferenda do Calvário se torna novamente atual, apoia-se na atualidade do *Eu sou*.”

“Na fórmula da Consagração — *Isto é o meu corpo* —, aflora a soberania do *Eu sou*. Existe um mistério do ser na Consagração, mistério da transformação de um ser em

outro, mistério da existência de Cristo sob as aparências do pão [...].

“A Missa é por excelência o momento e o lugar da presença divina neste mundo. Vem eternizar a nossa vida humana submetida ao desgaste do tempo. A Missa é a nova irrupção no humano do ser divino, que cada dia torna o universo e a humanidade mais parecidos com Ele.

“Pela Missa, a presença divina invade mais e mais o meio humano e até o mundo material. Encaminha o universo para o termo da sua evolução, a fim de que nesse estágio final Deus possa ser *tudo em todos* (1 Cor 15, 28)”⁵.

“Ele está aí e te chama!”

Cristo presente na Eucaristia não é diferente daquele que aparece no Evangelho, irradiando o bem, fazendo-se querer, demonstrando-nos quanto nos ama, ganhando a intimidade de cada coração. Os encontros pessoais narrados pelo Evangelho prosseguem com cada vinda do Senhor aos nossos altares. Quando diz a Marta: *Uma só coisa é necessária* (Lc 10, 42), diz-nos o mesmo do fundo do Sacrário: “Só Deus basta”. Quando Pedro lhe observa no Tabor: *Como é bom estarmos aqui!* (cf. Mt 17, 4; Mc 9, 5; Lc 9, 33), exprime um sentimento que bem pode ser o nosso diante da sua presença na Eucaristia, não menos real que na Transfiguração. E no convívio com os nossos colegas e amigos, temos de saber dizer-lhes, de maneira

5 Cf. *Eucaristía y vida*, pp. 42-48.

apropriada a cada caso: *O Senhor está aí e te chama* (Jo 11, 28). E quando notarmos que as multidões têm fome de paz, de justiça, de felicidade, é porque nos dizem, como os gregos que se aproximaram de Filipe: *Queremos ver Jesus* (Jo 12, 21), e temos de levá-los até onde Ele está: até o sacramento da Eucaristia.

O “rosto humano de Deus” que aparece em todas as páginas do Evangelho é o mesmo que, com “cara de pão”, derrama bondade na Missa e a irradia de cada Sacrário. Se durante a sua existência *passou fazendo o bem* (At 10, 38), também agora, como há dois mil anos, nos mostra o seu coração acolhedor, discreto, delicado. E, mais em silêncio e escondido, anima-nos a procurá-lo com a humilde confiança daquele leproso que lhe pedia: *Senhor, se quiseses, podes limpar-me* (Mt 8, 2). Ou a repetir-lhe com os meninos hebreus: *Bendito o que vem em nome do Senhor!* (Mt 21, 9). Ou a dizer-lhe com a fé do cego Bartimeu: *Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!* (Mc 10, 47), e *Senhor, faz com que eu veja!* (Mc 10, 51).

Ou, se nos sentimos secos e de alma muda, e sem saber que dizer-lhe, nem que agradecer-lhe, pedimos-lhe como o outro discípulo: *Senhor, ensina-nos a orar* (Lc 8, 44). Ou imploramos como os Apóstolos: *Aumenta-nos a fé!* (Lc 17, 45). Ou manifestamos singelamente, com a confiança robustecida daquele pai que suplica a cura do seu filho: *Creio, Senhor, mas vem em ajuda da minha incredulidade* (Mc 9, 24). Ou rogamos em uníssono com Marta e Maria: *Senhor, aquele que amas está doente* (Jo

11, 3). Ou confessamos com o coração contrito e compungido, como Pedro às margens do lago de Tiberíades, recordando-se da sua tríplice negação: *Senhor, tu sabes tudo. Tu sabes que eu te amo!* (Jo 21, 17).

Como agradecerá ao Senhor, sempre que estejamos diante do Santíssimo Sacramento ou depois de comunarmos na Missa, que — com a humildade, confiança, fé, contrição e simplicidade de novos leprosos, cegos ou doentes que somos — lhe falemos como fizeram os personagens do Evangelho! Ele é o mesmo daquele tempo... e nós tão miseráveis ou mais que eles! “A presença de Jesus vivo na Hóstia santa é a garantia, a raiz e a consumação da sua presença no mundo”⁶.

Doutrina da Igreja sobre a Eucaristia

Cristo vive e está, pois, de modo eminente na Eucaristia. Recordemos muito brevemente a doutrina da Igreja sobre este ponto.

A Eucaristia é o sacramento do Corpo e Sangue de Jesus Cristo sob as espécies do pão de trigo e do vinho de videira. A admirável conversão do pão no Corpo e do vinho no Sangue — chamada *transubstanciação* — realiza-se na Consagração da Santa Missa. A partir desse momento, embora permaneçam as aparências — “espécies” ou “acidentes” — do pão e do vinho, neles se

6 Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, 4^a ed., Quadrante, São Paulo, 2014, n. 102.

contêm verdadeira, real e substancialmente o Corpo e o Sangue, a Alma e a Divindade do próprio Jesus Cristo Nosso Senhor, para nosso alimento espiritual.

A *promessa da Eucaristia*, como vimos, fê-la o Senhor na sinagoga de Cafarnaum. A *instituição da Eucaristia* foi feita por Jesus na Última Ceia: *Tomai e comei, este é o meu corpo... Este é o meu sangue...* O Senhor “instituiu o sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar assim o Sacrifício da Cruz ao longo dos séculos, até que volte, confiando deste modo à sua amada Esposa, a Igreja, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal, em que se come Cristo, em que a alma se cumula de graça e nos é dado um penhor da glória futura”⁷. São três, portanto, os eixos deste mistério,

7 Concílio Vaticano II, Const. *Sacrossanctum Concilium*, n. 47; *Catecismo*, n.1323. Na *Ecclesia de Eucharistia*, escrevia o Santo Padre: “Quando a Igreja celebra a Eucaristia, memorial da morte e ressurreição do seu Senhor, este acontecimento central de salvação torna-se realmente presente e ‘realiza-se também a obra da nossa redenção’ (*Lumen gentium*, n. 3). Este sacrifício é tão decisivo para a salvação do gênero humano que Jesus Cristo só voltou ao Pai *depois de nos ter deixado o meio para dele participarmos* como se tivéssemos estado presentes. Assim cada fiel pode tomar parte nela, alimentando-se dos seus frutos inexauríveis. Esta é a fé que as gerações cristãs viveram ao longo dos séculos, e que o magistério da Igreja tem continuamente reafirmado com jubilosa gratidão por um dom tão inestimável [...]. É esta verdade que desejo recordar mais uma vez, colocando-me convosco, meus queridos irmãos e irmãs, em adoração diante deste Mistério: mistério grande, mistério de misericórdia. Que mais poderia Jesus ter feito por nós? Verdadeiramente, na Eucaristia demonstra-nos um amor levado até ao ‘extremo’ (cf. Jo 13, 1), um amor sem medida” (*Ecclesia de Eucharistia*, ns. 11-12).

como pôs de relevo o Papa João Paulo II: Eucaristia-Sacrifício, Eucaristia-banquete e Eucaristia-presença⁸.

Na Santa Missa, Jesus Cristo *oferece-se* por nós em sacrifício.

Recebe-se Jesus Cristo na Sagrada Comunhão.

Ele *faz-se presente* — real e verdadeiramente — a partir da Consagração. E essa admirável presença continua na Sagrada Eucaristia reservada no Sacrário: para ser dada em comunhão a quem peça, para ser levada aos doentes, para ser visitada e ser objeto de culto de suprema adoração por parte dos fiéis; para suscitar frequentes desejos de recebê-lo e manifestar-lhe os nossos melhores sentimentos de gratidão.

Ao longo das próximas páginas, consideraremos o modo de viver melhor este último aspecto do grande Sacramento da nossa fé. Procuraremos assim contribuir com o nosso “grãozinho de areia” para que a vida cristã gire em torno da Sagrada Eucaristia já a partir destes primeiros anos do novo milênio.

8 João Paulo II, Enc. *Redemptor Hominis*, 04.03.1979, n. 20.